

O sociólogo Emir Sader

O professor e sociólogo Emir Sader publicou no JB de 05 do corrente mês de agosto, instigante artigo em que defende com ardor idéias e ideais conservadores no campo político-social. Mas, no decorrer de sua exposição, existem afirmações que não podem ficar sem contradita. Esta, p. ex.: “Do que se trata então é de desqualificar a esquerda e, antes de tudo, o fato de que abrigou ao longo do século, o que de melhor a inteligência humana produziu”. Eis uma crença que embalou durante muito tempo numerosos intelectuais, alguns, *hélas!*, de escol, e que arrastou adesões de quantiosos espíritos ofuscados pela sensação de que o mundo caminhava com eles. Contudo a afirmação do Prof. Emir peca pelo dogmatismo de sua enganosa generalização.

No que diz respeito ao Brasil, é claramente insustentável. Numa visão retrospectiva de nossa atividade cultural no fluir deste século XX, ora longo, ora breve, não é difícil detectar um movimento de singular profundidade intelectual, que o mareou indelevelmente. Refiro-me ao surto da renovação católica, que teve início, no Rio de Janeiro, com Jackson de Figueiredo, e que se alastrou por todo o país. Entre nós basta citar nomes como os de Leonel Franca, Alceu Amoroso Lima, Hamilton Nogueira, Gustavo Corção, Sobral Pinto, Barreto Filho, Jônatas Serrano, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, e relevem-me as omissões. Na literatura, poetas da estirpe de um Murilo Mendes, um Jorge de Lima, um Augusto Frederico Schmidt, um Francisco Karam ou um romancista. da densidade de um Cornélio Penna. Em São Paulo, apraz-me registrar o brioso movimento democrata-cristão, de onde emergiram as grandes personalidades de Queirós Filho ou Franco Montoro, que realizou em seu Estado Natal um dos melhores governos que os paulistas já tiveram. E, advirta-se, marcado pelo selo da incorruptibilidade, *avis rara*, compunge-me dizê-lo, em nossa administração pública. No Rio Grande do Sul, lembro um Armando Câmara, na Bahia um Pedro Calmon, em Pernambuco, um Luís Delgado... E, pelo mundo fora, um Jacques Maritain, um Etienne Gilson, um Gabriel Marcel, um Chesterton, um Papini. Um Karl Adam, um Berdiaeff, um Claudel, um Saint-Exupéry...

Não sei se devemos rotular todos esses nomes como de “direita”; simplesmente rejeitaram a receita marxista-leninista.

Não se pode negar, contudo, que a onda esquerdista haja conquistado grande parte da *intelligensia* do Ocidente e que contou com o poderoso auxílio dos chamados meios de comunicação de massa. Tal fato deveu-se ao reducionismo da doutrina marxista, convertida numa cartilha onde se encontraria a solução para todos os problemas da Humanidade, o que deveria levar ao fim da História. Mas a História continua e, em suas páginas, irá figurar o marxismo-

leninismo como o grande logro do século XX. Suportou-o durante setenta anos o povo do Leste europeu, mas afinal a ditadura soviética ruiu sobre suas próprias bases. Talvez julgue o Prof. Emir Sader que se trate de efêmera vitória da ignorância sobre a sabedoria. Posição compreensível, entre outras mais, dado o inesperado choque traumático trazido pela fragorosa derrocada da calamitosa utopia comunista.

[Carta aos leitores]
6/8/96

*

Extrema-direita na PUC

Li, estarecido, a reportagem publicada nesse jornal, de 07 do corrente mês, sob o título “A extrema direita faz escola na PUC”, a respeito de um jornalzinho escolar, que teve o condão de levar ao pânico a nossa vigilante *intelligentsia* esquerdista. A folha intitula-se *O Indivíduo* e foi escrita por quatro jovens entre 17 e 25 anos. Pois bem, essa modestíssima publicação conseguiu “abalar as sólidas estruturas da tradicional instituição” e provocou uma reunião de especialistas convidados pelo JORNAL DO BRASIL, cientistas políticos, psicanalistas, filósofos, para análise do sensacional documento. A condenação não tardou: o texto era racista e a punição veio logo em seguida: “cusparadas, sopapos e pontapés”, tudo no mais puro estilo nazicomunista. E a douta mesa censória sentenciou com pausada gravidade: “Estamos observando o primeiro movimento organizado de extrema direita ao longo de toda a história da PUC”.

Vejamos alguns dos perigosos sintomas desse explosivo movimento organizado por quatro jovens “adolescentes”: “Adoram Aristóteles, louvam São Tomás de Aquino, acreditam que a Igreja verdadeira encerrou suas atividades bem antes dos Concílio Vaticano II, acham que o filósofo ultraconservador Ortega y Gasset é a antena da raça”. Além do mais, “evocam (não sei se será “invocam”) frequentemente o nome de Deus” e “são ultraliberais no individualismo radical que pregam em seus escritos”. Certamente teriam merecido incendidos encômios, se tivessem citado outros ídolos, a exemplo de Marx, Lukács ou Gramsci. Cometem ainda os desavisados outros deslizes, como “apreciar bastante a Metafísica”, “ferramenta filosófica que, sintomaticamente, não permite a reflexão sobre a ação” etc., pois se dedica “a questões que transcendem a esfera humana e que se dariam na Cucolândia das nuvens, como diria Nietzsche”. É que ignoram que, já nos fins do século passado, Sílvio Roméro, em nome do naturalismo filosófico, havia anunciado a morte da Metafísica.

Investigou-se também a família dos jovens extremistas. São filhos de abastados pais de classe média alta (abastados da classe média?), o que deveria